

<http://colunas.globoamazonia.com/philipfearnside/>



## Política de Conservação na Amazônia – Parte 4

qua, 13/04/11

por Globo Amazônia /

categoria [Uncategorized](#)

### **Dilemas de Manejo Florestal**

Poucos debates são tão polarizados quanto os que cercam a questão de manejo e certificação florestal como uma medida de conservação, com visões que variam desde este uso sendo a “última chance” para a biodiversidade<sup>(1)</sup> até um “golpe ambiental”.<sup>(2)</sup> Certificação florestal, organizado pelo Conselho para Zelar pelas Florestas,<sup>(3)</sup> é apoiado através de organizações de conservação internacionais, tais como WWF, Amigos da Terra (FOE) e Greenpeace, assim como também por organizações brasileiras, tais como IMAZON, ISA e IPAM. Manejo sustentável não é sinônimo de minimizar impacto ambiental e pode causar dano significativo aos ecossistemas florestais.<sup>(4)</sup> No entanto, biodiversidade significativa pode sobreviver em áreas manejadas,<sup>(5)</sup> e os métodos de baixo impacto exigidos em áreas certificadas reduzem bastante o dano em comparação com exploração descontrolada.<sup>(6)</sup> Se o cenário de referência que se vê como a alternativa for floresta intacta, então o manejo é desastroso para a biodiversidade, enquanto se a alternativa for considerada uma pastagem, então o manejo é muito melhor. Se este copo é visto como sendo “meio cheio” ou “meio vazio” é, atualmente, uma questão de orientação pessoal, com pouca base em informações quantitativas.

Cenários mais realísticos de como a mudança do uso da terra progrediria na região sob regimes diferentes de política, incluindo regimes com manejo florestal, poderiam ajudar em reduzir a disparidade entre as conclusões sobre as perdas ou benefícios que o manejo florestal traz para a biodiversidade.

Operações certificadas de manejo florestal aumentaram rapidamente: Mil Madeireira (com operações florestais e serraria localizadas em Itacoatiara, Amazonas) foi certificado em 1997, GETHAL (com as operações florestais em Manicoré e a serraria de laminados em Itacoatiara, Amazonas) em 2000 (mas posteriormente desativado), e CIKEL (com operações florestais em Paragominas e serraria de laminados em Belém, Pará) em 2001. Embora o aumento em operações certificadas de manejo na Amazônia seja uma mudança significantiva, a maioria da exploração madeireira na região ainda é predatória. Até mesmo operações com Planos de Manejo Florestal (PMFs) aprovados pelo IBAMA têm impacto pesado e prospectos pobres para sustentabilidade.<sup>(7)</sup> A demanda para madeira certificada é pequena, mas crescente. Ao contrário da percepção popular, a grande maioria da madeira colhida na Amazônia é consumida no mercado doméstico, ao invés de ter destinos internacionais. Por exemplo, em 1997 foram consumidos dentro do país 86-90% da madeira colhida na Amazônia brasileira, e foram exportados apenas 10-14%. A demanda para madeira certificada na Europa e na América do Norte é, então, menos importante que a demanda dentro do Brasil. Os consumidores brasileiros são menos exigentes de produtos certificados do que as suas contrapartes na Europa e na América do Norte. O encorajamento de uma aliança entre ONGs estimulou um mercado doméstico pequeno, que tem crescido a partir de praticamente zero em 1997.

O mogno representa uma exceção importante a generalizações sobre o peso relativo dos mercados domésticos e estrangeiros. O mogno fica em uma classe de preço aparte: US\$900/m<sup>3</sup> de madeira serrada no portão da serraria, ou 3-6 vezes o preço de outras espécies comerciais, e a maioria é exportada. Importações dos E.U.A. representam 60% do comércio global; os E.U.A. sozinhos importaram 120.000 m<sup>3</sup> da América Latina em 1998, equivalente a 57.000 árvores.<sup>(8)</sup> Porque o mogno justifica a abertura de estradas madeireiras em áreas remotas, ele desempenha um papel catalítico no desmatamento na região.<sup>(9)</sup> A colheita ilegal desta espécie também está causando grande impacto sobre áreas indígenas e protegidas. Esforços para garantir a origem certificada desta espécie, e para boicotar produtos não-certificados, tem potencial alto para benefícios de conservação.

Boicotar a madeira tropical indiscriminadamente teria o efeito negativo de remover a razão financeira principal por pôr de lado áreas significativas de floresta manejada. No entanto, é a real

ameaça de boicotes deste tipo que fornece a motivação crítica aos governos e à indústria madeireira para procurar a certificação e para reduzir o impacto e aumentar a sustentabilidade das operações de manejo. A existência de um sistema de certificação permite que seja focalizada a ameaça de boicote somente sobre as operações que não se unem ao sistema.

#### *Manejo Florestal versus Plantações Silviculturais*

Dentro do Brasil, a demanda para madeira de todos os tipos gera a pressão de exploração madeireira em florestas amazônicas. Ao contrário da convicção popular, a madeira de floresta tropical não é usada apenas, ou mesmo principalmente, para produtos de alto valor, tais como mobília e instrumentos musicais. O Brasil usa madeira tropical para praticamente tudo, inclusive azimbre, paletas, caixotes, construção, aglomerados e compensados. Substituir esta demanda com madeira de plantações somente acontecerá se madeira barata não for mais disponível a partir da colheita destrutiva das florestas amazônicas. No momento, as grandes áreas de plantações brasileiras são quase todas manejadas para celulose e carvão vegetal, em vez de serem manejadas para madeira serrada.(10) Esta situação poderia mudar se fossem implementadas políticas que criassem os mesmos tipos de limitações sobre o acesso livre aos recursos madeireiros que são necessárias para motivar o manejo florestal sustentável.(12)

#### **Referências**

- (1) Rainforest Alliance. 2001. Smartwood: Practical Conservation through Certified Forestry. <http://www.smartwood.org/>. Rainforest Alliance, New York, NY, E.U.A.
- (2) Laschefski, K. & Freris, N. 2001. Saving the wood from the trees. *The Ecologist* 31(6): 40-43, 66.
- (3) FSC (Forest Stewardship Council). 2001. Forest Stewardship Council United States. <http://fscus.org/html/index.html>. FSC. New York, NY, E.U.A.
- (4) Bawa, K. S. & Seidler, R. 1998. Natural forest management and conservation of biodiversity in tropical forests. *Conservation Biology* 12: 46-55.
- (5) Johns, A. G. 1997. *Timber Production and Biodiversity Conservation in Tropical Rain Forests*. Cambridge University Press, Cambridge, Reino Unido.

- (6) Johns, J. S., Barreto, P. & Uhl, C. 1996. Logging management in planned and unplanned logging operations and its implications for sustainable timber production in the eastern Amazon. *Forest Ecology and Management* 89: 59-77.
- (7) Eve, E., Arguelles, F. A. & Fearnside, P. M. 2000. How well does Brazil's environmental law work in practice? Environmental impact assessment and the case of the Itapiranga private sustainable logging plan. *Environmental Management* 26: 251-267.
- (8) Robbins, C. F. 2000. *Mahogany Matters: The U.S. Market for Big-leafed Mahogany and its Implications for the Conservation of the Species*. <http://www.worldwildlife.org/forests/attachments/mahogany.pdf>. TRAFFIC-North America, Washington, DC, E.U.A.
- (9) Fearnside, P. M. 1997. Protection of mahogany: A catalytic species in the destruction of rain forests in the American tropics. *Environmental Conservation* 24: 303-306.
- (10) Fearnside, P. M. 1998. Plantation forestry in Brazil: Projections to 2050. *Biomass and Bioenergy* 15: 437-450.
- (11) Fearnside, P. M. 2003. Conservation policy in Brazilian Amazonia: Understanding the dilemmas. *World Development* 31: 757-779.
- (12) Este texto é adaptado de um capítulo a ser publicado em I.S. Gorayeb (ed.). *Amazônia Sustentável*. RM Graph, O Liberal & Vale, Belém, Pará. É atualizado de uma tradução parcial de Fearnside (11). As pesquisas do autor são financiadas pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia–INPA (PRJ13.03) e o Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico–CNPq (305880/2007-1; 573810/2008-7).